

ARMÉNIO VIEIRA, MITOGRAFIAS

Maria Luísa Baptista

Pág. 361 a 369

Arménio Vieira é autor caboverdiano (Praia, 1941) – uma voz singular, autêntica, cujo perfil estético se vem progressivamente definindo e apurando, numa produção vigorosa, succulenta, de leitura particularmente estimulante, ainda que por vezes enigmática.

Na verdade, na sua oficina literária, conhecida há largos anos pela colaboração em numerosas revistas (caboverdianas, portuguesas, angolanas)¹, pela presença em antologias como as de Manuel Ferreira, *No Reino de Caliban I* (1976), de Luís Romano, *Contravento. Antologia bilingue de poesia Cabo-Verdiana* (1982), de Manuel Ferreira, *50 Poetas portugueses* (1989), na sua oficina – dizia – forjaram-se também quer a novela *O Eleito do Sol* (Praia, ICL, 1989), quer, mais recentemente, a recolha de poemas *Mitografias* (Cabo Verde, Ilhéu Editora, 2006). Acrescente-se a tempo que em 1976 fora distinguido com o primeiro prémio dos Jogos Florais.

Desta última obra focaremos de seguida vectores que se nos afiguram nucleares. Antes, entretanto, reflectindo uma obra literária – directa ou indirectamente – o lastro vivencial do seu autor, apontaremos breves traços biográficos de Arménio Vieira. Com efeito, o que o poeta escreve inclui-se no seu perfil humano, nem que seja a contraluz.

Arménio Vieira conheceu muito jovem a dureza da interrupção dos seus estudos regulares, seguida da da prisão política (PIDE), seguida da da incorporação na guerra colonial em Angola, seguida da do desemprego prolongado. Trabalhou como ajudante de meteorologista, como professor de Português, como jornalista.² Estas actividades – e o tempo disponível

1 *Cabo Verde, Seló, Imbondeiro, Vértice, Raízes, Mákua I, ...*

2 LABAN, Michel - *Cabo Verde - Encontro com Escritores*, vol. II, pp. 501- 534, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1992. GOMES, Aldónio e CAVACAS, Fernanda – *Dicionário de Autores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1997. LOPES FILHO, João – *Voices da Cultura Cabo Verdiana Cabo Verde visto por Cabo-Verdianos*, pp. 193-197, Lisboa, Ulmeiro, 1998.

das inactividades forçadas – ter-lhe-ão permitido quer reflexão sobre a própria experiência vivencial, quer o gosto de apurar a pena, quer ainda a oportunidade de consolidar o conhecimento crítico das culturas helénica e bíblica, pilares estruturantes da civilização ocidental, o conhecimento de numerosos autores de coordenadas temporais mais próximas das suas próprias.

Deste poeta, que rompe em vários sentidos com figurinos, deste poeta consciente do carácter ímpar da sua produção, atentemos na última obra publicada, apreciemo-la, isto é, comecemos a apreciá-la. Trata-se de *Mitografias*.

A aproximação que tentaremos só pode confessar-se como um incipiente, inócuo *strip-tease*, já que a opacidade do discurso poético lhe é em geral inerente, já que, de forma expressa, Arménio Vieira intenta “ocultar” o referente directo no intuito de universalizar o âmbito do seu canto. Concha, espiral que tanto se pode enrolar como desenrolar. Cada leitor então aprofundará a desvenda, à procura da íntima verdade poética.

O Título

Atendendo aos elementos de formação da palavra mitografias, não nos é difícil concluir, sendo ambos de origem grega (mito + grafia), que a palavra poderá significar algo como ‘ciência dos mitos’ ou ‘exposição de fábulas antigas’ (sugestão dos dicionários ‘práticos’). Interrogamo-nos então:

- apresentar-se-nos-á uma nova versão, actualizada, das lendas gregas, de roupagens actuais, cenários e discurso contemporâneos? Intenções subjacentes de grande divulgação, pedagogia de massas?
- ou tratar-se-á meramente de poesia relativa à mitologia clássica, em torno dos *topi* consagrados, numa eventual reformulação formal?

A perplexidade instalada perante o enigmático título é por si só um elemento propulsor da necessidade de uma resposta à curiosidade incisiva. Motivador, bom título!

O Índice

Aberto o livro, depara-se-nos de chofre o *Índice*, sem qualquer texto de apresentação do Autor ou da obra. Nudez estreme sob o olhar do interessado leitor, literalmente nas suas mãos.

Observa-se que a obra se articula numa estrutura tripartida:

- Canto das Graças – 7 poemas – pp. 8 – 14 – 7 pp.
- Dez poemas mais um – 10 poemas* – pp. 16 – 26 – 11 pp.
- Mitografias – 67 poemas – pp. 28 – 117 – 88 pp.

Observa-se também o número crescente de poemas em cada parte, sendo a última, como o seu título faria depreender, a que vai dar o nome à totalidade da compilação.

Canto das Graças

Como se de uma litania se tratasse, cada um dos sete poemas inicia-se por uma mesma estrutura (“Graças dou por...”) que acaba por conferir à sequência o estatuto de ‘conjunto’, unidade formada de subunidades melódicas (“Canto”). Do mundo bíblico das mil e uma noites a Fernando Pessoa, passando por Spinoza, Camões e Rimbaud, a cada entidade o poeta agradece o seu contributo de beleza, a sua ruptura criativa ao longo da história da estética literária.

As personalidades evocadas são de estatura excepcional, mítica, videntes de um tempo, uma verdade, inacessível ainda ao comum dos seus contemporâneos. Em rigor todavia nenhum nome nos remete para a esfera da Antiguidade Clássica. De assinalar, curioso, o último agradecimento – às flores (beleza, perfume e música) evocadoras de um amor antigo.

Dez poemas mais um

Nesta série de poemas dedicados a João Cabral de Melo Neto, o Autor começa por, em cada um, interpelar o poeta brasileiro utilizando um processo de tipo anafórico semelhante ao que encontrámos em “Canto das Graças”.

* Na realidade contam-se não “dez” mas nove poemas, “mais um”.

Solidário com o cantor dos deserdados do Nordeste brasileiro e sobretudo com eles próprios, Arménio Vieira desfia, de olhos irmãos, o rosário das suas adversidades.

O despojamento formal, timbre do poeta, acentua-se, a contenção expressiva – na selecção vocabular como na construção frásica – sublinha todas as carências, todo o infortúnio em que só a fome, a sede, a dor e enfim a morte abundam.

Este núcleo, tenso na sua solenidade crua, fecha com a sóbria exaltação do cantor do Nordeste, João Cabral, poeta que, partindo de elementos tão prosaicos como *feijão*, *pedra*, *cabra*, particularmente significativos naquelas paragens de carestia, se eleva à condição livre do “pássaro” e “canta”.

Mitografias

Vimos de um “Canto das Graças”, hino à beleza universal nas pessoas de ínclitos criadores, seguimos por um hino ao Amor dos Outros, preocupação social, – “João” é o vocativo, de coração solidário, atento à condição dos excluídos, o destinatário natural da homenagem de Arménio Vieira.

Eis-nos agora perante o corpo central da obra, a parte mais extensa, a mais problematizante, por certo a mais densa; como se as duas partes anteriores funcionassem como intróito, antecâmara, epígrafe deste mar largo que vai ser “Mitografias” – o Belo, os Outros. É aqui que melhor se vai ter possibilidade de apreciar o proteísmo da expressão poética e sobretudo a atitude de frontal desassombro face ao poder, às instâncias socio-políticas, religiosas, ideológicas, face enfim a um cosmos instalado, triturrante, desumano. Amplia-se o espectro do referente poético, tende-se a do factual se passar à sua universalização, a abranger quanto é humano. Da historieta, do caso ao mito. E, se há mitos que permanecem, se há mitos que emergem, há seguramente mitos a abater. Arménio Vieira revisita mitos na acepção mais lata que o significante possa assumir (do sentido estrito de ‘narrativa de proezas de deuses e semideuses’ ao de ‘composição / efabulação puramente imaginativa’) e, partindo de um conhecimento profundo e muito elaborado das culturas judeo-cristã e helénica, como

da cultura ocidental *lato sensu*, revê e questiona conceitos e ilações. Toda uma construção milenar abala / pode abalar. Por outro lado, Arménio Vieira faz subir ao pedestal os seus heróis – novos heróis, novos mitos. Arménio Vieira precisa de ser largamente ouvido, largamente divulgado.

Se Heraclito e a implacável passagem do tempo constituem uma constante iniludível (cf. “Heraclito”, p. 81), se a insana busca romântica do (amor) absoluto e consequentes decepção, desgaste, indiferença, teimosamente se mantêm (“Mulheres”, p. 36), então é porque se trata, sem dúvida, de mitos que permanecem. Como unha e carne na inerência do Humano.

Se, por outro lado, Apollinaire, sonhador, ainda se ilude com o esplendor da guerra (“Apollinaire nas trincheiras”, p. 50), diga-se-lhe então que mais valem os afectos e inscreva-se o anti-belicismo como um dos novos mitos. Eleja-se Rimbaud, de puríssimo canto, que se ‘suicida’ aos dezano-ve anos, mas que esteticamente não se vende. Juntem-se-lhes, por exemplo, Baudelaire, Maiakovski, Neruda ou Lorca, os que vivem na coerência do fio do Ideal, os que não se mentem, que não mentem, poetas malditos, a esmagar por massas ignaras, rápidas na condenação, na aniquilação do diferente, do visionário.

Estes serão os novos mitos, os novos heróis, afinal eles ou os livros, registo da beleza destruída: “porque somente nos poemas / se encontram aves que ainda cantam” (p. 65). Subam estes ao pedestal.

Na especialíssima, originalíssima leitura que Arménio Vieira faz dos faróis que, desde eras muito longínquas vêm norteando a navegação do homem ocidental, merecem-lhe particular atenção a actuação e os ditames dos mentores religiosos, no gesto arrogante, prepotente, arbitrário a que subjazem as intocáveis prerrogativas do dogma – a omnisciência, a onnipotência. Assim, o poema “Quando a chuva não chove” (p.32), por exemplo, satiriza a atitude de humildade, resignação e agradecimento que os crentes são incitados a assumir sobretudo quando sujeitos a uma série de adversidades. Tal só poderá conduzir à aceitação submissa, subser-viente e nunca à acção construtiva, à luta pelas soluções, à reivindicação

do justo. Para eterno sossego dos poderosos. O poeta grita por fim: “Vai para o Inferno, que o Céu não existe!”

Eis um mito que estremece. Outros casos veremos:

“Interpelação ao Pai” (p. 45), Vieira ousa por em causa os critérios divinos de arbitrária exaltação / condenação dos chefes bíblicos, como, em “Analogias” (p. 47), ironiza, desmascarando a crença de que a morte não é o fim: com efeito, Cristo ressuscita, mas Sócrates não. Deus, por outro lado, cerceia o sonho e a liberdade – prefere fé e submissão aos dogmas; por isso, o Poeta é a negação de Deus e a vitória sobre Ele (“Hai-kai”, p. 66). O conceito de *Inferno*, analisado em diversas acepções – da ingénua e convencional iconografia beata, passando pelo petrarquismo e seus “infernos de amor” – já não colhe; «No entanto – conclui A. Vieira – há infernos sérios, / pavorosos como o vento, ciclónicos / não cabem nos livros, ninguém os pinta» (p. 69). Essa será a realidade que importa enfrentar e solucionar. Entretanto, os deuses riem, cínicos, da inocência humana que crê num paraíso (beleza que o Poeta viu num jardim) (“Flores do Paraíso”, p. 70). Uma particular teogonia evolucionista inverte “à sua imagem e semelhança” para concluir: «Depois, encontrou-se / o verdadeiro rosto de Deus, afinal o próprio / rosto do homem reflectido em águas paradas» (“A Explicação dos Deuses”, pp. 72-73). Conclusão em que não deixa de ser intencionalmente equívoca a expressão final: se o espelho natural só se obtém pelo estatismo do fluido, a imagem poderá também ser lida como símbolo de estagnação, negação de uma superação.

Fecharemos esta selecção com a referência a “Exercício teológico” (p. 74), ironia sobre a onnipotência de Deus, comparado a Masoch e a Sade.

Desta resenha sublinharemos o ataque sem tréguas ao obscurantismo, a uma religião / um deus que domina e não emancipa o homem, que o vê com arrogância e cinismo. Arménio Vieira invectiva e não deixa o leitor indiferente: exige-lhe uma tomada de posição, promove-o, tornando-o activo participante no acto – afinal de criação – que é também a recepção (cf. “Construção na vertical”, p. 28: «Quando estiver concluído, / não as-sines, o poema [já] não é teu.»)

Este zurzir de lúcida crítica de mitos cuja fragilidade racional só é compensada por um drástico policiamento das consciências – o argumento da autoridade, o dogma e o espectro do Inferno – tanto quanto pela manutenção / fomento de um acriticismo bacoco e comodista, irá atingir outros domínios. Sob os focos de Vieira se perfilarão, entre outros,

- o paradigma convencional do Herói, flagelador e incendiário (“Homens terríveis”, p. 42)
- a vénia incondicional a homens considerados excepcionais (“Excentricidades gregas”, p. 78) quando, como humanos, são contraditórios (excepcionais, mas, por exemplo, supersticiosos)
- a atitude de demissão atávica dos que preferem a súplica aos deuses à própria acção deliberada (“A que deusa ou deus?”, p.85)
- a displicência dos deuses para quem os conflitos humanos funcionam como jogo de dados gratuito (“Metáfora”, p. 92)
- a exploração humana do Homem (“Die Welt als Wille und Vorstellung”, p. 83)
- a ‘divina’ aliança arte – moral no mais desassombrado decerto de todos os poemas (“Nietzsche versus Schopenhauer versus Buda & J. C.”, p. 84): num discurso que atinge a irreverência sacrílega, exalta o Homem, i. e., o Super-Homem
- o comprazimento sádico no espectáculo apocalíptico da carnificina e da dor (“Crueldades”, p. 112)
- o mito do Poeta, homem extraordinário (“Eu sou como sou”, p. 43) – caso a incluir num núcleo que apeterceria designar como “Ars poetica”, já que envolve uma série de aspectos adentro da metalinguagem do texto / da condição do poeta. Assim destacaremos “Construção na vertical”, p.28 e “Abre-te, Sésamo!”, p. 67 (contra o mito da ‘inspiração’ poética); “Quevedo e Gôngora”, p. 48 (crítica irónica à utilização de processos rebuscados na elaboração da poesia, ou, tomando a expressão de Arménio Vieira, pela “metaforização do discurso”, mas não em excesso!); “Prosa e poesia”, p. 49, poema em que se confessa a irrelevância da distinção dos conceitos; “2 Quintetos”, p.75 (contra a logorreia); “Epopéias”, p. 40 (contra a reprodução cega de modelos obsoletos, literários ou outros); “Quem passa?”, p.99 (para atingir um objectivo, é necessário enfrentar e dominar os obstáculos).

Um espírito lúcido não se compadece com “vãs façanhas / fantásticas, fingidas, mentirosas”⁴, por mais poéticos, piedosos, louváveis que sejam os seus intentos. Não pode ignorar. Não pode calar. Ver claro e fazer ver claro é também o múnus cívico do poeta, do pensador, do intelectual *lato sensu*. Uma sociedade esclarecida e crítica exige a revisão objectiva e a depuração do seu repositório de afectos, pela leitura distanciada, racional dos mitos e lendas que lhe sedimentam a História; exige também a remoção do que lhe compromete, por obscurantista, o crescimento limpo, saudável e adulto. É que há detritos que não servem de adubo, putrefazem a terra, comprometem as colheitas futuras.

Depurar é o que faz Arménio Vieira nesta sua obra escorreita, corajosa, bela: discurso másculo, sem concessões⁵, provocatório, jogando frequentemente com a surpresa (desde os títulos) e sobretudo com a ironia («Sou dos que pensam que a literatura não é uma coisa necessariamente séria»)⁶. Vieira exprime-se de forma despojada, ainda que por vezes esfíngica ou mesmo hermética. Poderá desiludir o leitor que na poesia aprecia sobretudo a musicalidade da palavra, a harmonia do ritmo, a expressão linear da ideia. Vieira é de outro modo: a beleza do poema nasce-lhe algures eventualmente, por exemplo, do poder sugestivo de inesperadas associações vocabulares, de uma sintaxe de sucessivos encaixes (que nem “matrioscas”), de quantos outros meios tão originais quanto esteticamente eficazes.

A ironia multiforme passa por procedimentos que, entre outros, vão desde a utilização de uma construção paródica da silogística (o raciocínio levado ao ridículo), ao uso do quase arcaizante “o qual”, ao emprego inadequado / deslocado do léxico (inclusive coloquialismos e mesmo calão), à sintaxe gongorizante, à inversão expressiva da organização natural da frase, à construção de frases em que a proposição principal, ainda que elidida, não faz falta, à exploração desconcertante do non sens, etc, etc.

3 CAMÕES, *Os Lusíadas*, I, 11.

4 Assume expressamente o seu sentido libertário: “Um poeta [...] não está com o poder...” – Michel Laban, op. cit., II vol., p. 523.

5 João Lopes Filho, op. cit., p. 197.

O riso (a gargalhada) – dissera-o Eça – abala e faz ruir instituições. Vieira sabe-o. Discreto, intitula a sua obra como *Mitografias*. Bem poderia chamar-lhe *Mitoclastias*.

